

## **Discurso do Professor Marcelo José Braga ao receber a Medalha de Ouro Peter Henry Rolfs do Mérito em Pesquisa Ano de 2024**

Boa noite a todos e todas, aos membros da mesa e a essa distinta audiência. Muito obrigado por estarem aqui, nesta noite tão especial!

Sim, esta é realmente uma noite muito especial para mim, pois me sinto muitíssimo honrado com essa distinção, e em poder me juntar ao seleto grupo de pesquisadores da nossa querida UFV, homenageados com a Medalha de Ouro Peter Rolfs de mérito em pesquisa. É realmente muito gratificante e eu estou muito feliz! Ao longo dos últimos 27 anos, tenho procurado combinar rigor técnico e impacto social em minhas pesquisas e projetos, além de buscar contribuir na capacitação de novas gerações de profissionais.

Uma vez confessado o meu orgulho, a minha satisfação, passo agora aos fatos. E o fato é que o mérito em pesquisa não é uma conquista individual. Considerando toda a minha carreira de pesquisador, seria uma grossa ingratidão e insensibilidade deixar de mencionar que, sem contar com um grande número de valorosos colaboradores, eu certamente não estaria aqui hoje. E justamente por eu ter podido contar com tantas pessoas, com as mais variadas qualificações e competências, é que peço a licença e a compreensão das senhoras e dos senhores para não mencionar nomes.

E por se tratar de um reconhecimento de “mérito em pesquisa”, também devo dizer que o mérito do nosso trabalho não tem sua causa (ou origem) em nós mesmos, pesquisadores, especialmente no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas. O mérito da pesquisa decorre diretamente da realidade social à nossa volta, dos problemas gritantes que afligem a sociedade brasileira e a civilização mundial.

A persistência e o agravamento de problemas como a desigualdade econômica; as mudanças climáticas e a catástrofe ecológica; a escalada da violência, as formas de crime organizado; o terrorismo; a corrupção e a polarização política; a desinformação; o negacionismo, as ameaças à democracia e a crescente desconfiança nas instituições... tudo isso faz refletir profundamente sobre o papel da ciência na solução desses graves problemas.

Para ser franco, o fato de que problemas tão graves não apenas persistem, mas se agravam, em paralelo aos nossos esforços para contribuir com o melhoramento da nossa sociedade, é algo que, às vezes, nos traz um profundo sentimento de humilhação e impotência. Diante disso, buscando recuperar o ânimo, eu frequentemente me pergunto: o que estamos fazendo errado?

Tem crescido no meio acadêmico a proposição de que os principais problemas do nosso tempo são problemas sistêmicos, que não podem ser compreendidos nem solucionados isoladamente. Para alguns cientistas sociais, todos esses problemas são “facetas de uma mesma crise”, oriundas de uma “visão de mundo obsoleta”, inadequada para lidar com os problemas sistêmicos. De acordo com essa corrente, a visão sistêmica deve prover as bases epistemológicas para a construção de um novo paradigma científico na pós-modernidade.

A construção desse novo paradigma requer, porém, mudanças importantes nas nossas formas de trabalhar, em ciência, tanto quanto nas formas de incentivo à pesquisa científica. É preciso mudar a ênfase das pesquisas, diminuindo o ímpeto das investigações de objetos cada vez mais

especializados, e aumentando o interesse por estudos que explorem as relações (sistêmicas) entre diferentes objetos, e cujas interações fazem emergir os grandes problemas do nosso tempo.

Notem que esse tipo de abordagem é inerentemente multidisciplinar ou mesmo transdisciplinar, porque os diferentes “objetos”, naquelas relações sistêmicas, necessariamente pertencem a diferentes “áreas do saber” (como aprendemos a chamar).

Mas a abordagem transdisciplinar impõe, então, o desafio da comunicação entre os cientistas especializados. Não é apenas um problema de linguagem, de como vencer a “torre de babel” dos termos especializados de cada área. É também uma questão de *visão de ciência*, isto é, de como entendemos o fazer da ciência.

Paralelamente, desde o aparecimento das redes sociais, a hegemonia da visão científica de mundo tem sido crescentemente desafiada por entendimentos discordantes e, muitas vezes, surpreendentes. Concepções tais como criacionismo, terraplanismo, teorias conspiratórias sobre vacinas e outras visões que negam saberes que, até então, pareciam estar seguramente estabelecidos, têm produzido um total colapso epistêmico capaz de romper o nosso senso compartilhado de realidade.

Apesar da complexidade dos problemas, nada sugere que as alternativas de soluções sejam igualmente complexas. Aliás, é possível que haja soluções simples para problemas complexos. É isso o que tem sido demonstrado em vários trabalhos de pesquisa recentes. Por exemplo, para Michael Kremer, professor americano laureado com o Nobel de Economia em 2019, a solução para combater a pobreza e desigualdades globais está em “criar os incentivos corretos ao invés de simplesmente alocar mais recursos”. Essa visão implica no reconhecimento do “princípio da alavancagem”, tão caro à abordagem sistêmica dos problemas.

Nesse contexto, as demandas de ensino, pesquisa e extensão para as instituições públicas têm mudado profundamente. Ao longo das últimas décadas, tem crescido a importância da pesquisa e da inovação orientadas à missão. Nesse caso, a expressão “orientada à missão”, a partir de uma visão sistêmica, significa resolução de problemas afetos à sociedade por meio de abordagens integrativas e, portanto, necessariamente colaborativas.

Especificamente, no caso de nossa querida UFV, a persistência e o agravamento daqueles problemas históricos me levam a questionar: estamos sendo capazes de compreender as mudanças que estão acontecendo? Estamos sendo capazes de ajustar o nosso *modus operandi* enquanto instituição produtora de conhecimentos? As demandas sociais estão presentes nas nossas agendas de pesquisa? Ou a nossa capacidade de alavancar impactos positivos tem sido prejudicada pela fragmentação de saberes entrincheirados nos nossos departamentos e pelo isolacionismo na produção intelectual?

Enfim... deixo essas questões para a reflexão de todos nós. E encerro a minha fala com uma mensagem otimista: sim, somos capazes! Enquanto instituição pública e, especialmente, enquanto empreendimento coletivo voltado à produção de conhecimento, temos a capacidade humana de responder a todos os desafios apresentados. Para isso, precisamos desenvolver arranjos organizacionais inovadores, que favoreçam a interação entre os pesquisadores e a busca de sinergias. E precisamos também, é claro, de sensibilidade para nos preocuparmos genuinamente com o futuro do planeta e a vida das pessoas.

Como diretor de uma pequena parcela desse grande empreendimento coletivo que é a nossa amada UFV, me cabe reafirmar que o IPPDS está aberto a ser esse espaço dentro da Universidade. Acredito que os temas de pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas podem prover os elos de ligação para operacionalizar a transdisciplinaridade. É assim que vejo o nosso papel e a nossa melhor forma de contribuir com a missão da nossa instituição. Muito obrigado!

Viçosa, 28/08/2024